

MOBILIDADE E COMUNICAÇÃO: O CASO DO NOMADISMO DIGITAL

Patrícia MATOS, UFF¹

Resumo: A mobilidade se tornou central no debate contemporâneo, tanto no que diz respeito à circulação de bens, pessoas e informação, quanto em sua conversão em um valor que se molda às transformações econômicas e sociais pós-1990 (SHELLER & URRY, 2006). Hoje nos movemos no espaço físico e no espaço midiático e as Tecnologias de Informação e Comunicação desempenham papel fundamental nesse cenário. Este artigo se concentra no estudo do nomadismo digital, fenômeno que emerge na última década a partir da combinação de viagens e trabalho remoto, como um estilo de vida que evidencia tais transformações, notadamente a relação entre a viagem física e formas simbólicas e imaginativas de viagem. Para isso, recorro a aproximações teóricas entre estudos de mobilidade e de comunicação.

Palavras-chave: Nomadismo Digital; Mobilidade; Tecnologias de Informação e Comunicação.

Abstract: Mobility has become central to the contemporary debate, both in terms of the movement of goods, people and information, and in its conversion to a value that adapts to the post-1990 economic and social transformations (SHELLER & URRY, 2006). Today we move both in the physical space and in the media space and Information and Communication Technologies play a fundamental role in this scenario. This article focuses on the study of digital nomadism, a phenomenon that emerged in the last decade from the combination of travel and remote work, as a lifestyle that evidences such transformations, notably the relation between physical travel and symbolic and imaginative forms of travel. For this, I turn to theoretical approaches between studies of mobility and communication.

Keywords: Digital Nomadism; Mobility; Information and Communication Technologies.

INTRODUÇÃO

Em 1983, o engenheiro norte-americano Steve K. Roberts vendeu sua casa no subúrbio de Ohio para viver um estilo de vida móvel. Sobre uma bicicleta reclinada equipada com aparelhos de comunicação de alta tecnologia na época (conexão com a internet via satélite, painéis solares e um *laptop*) construída por ele mesmo, ele conciliava seu trabalho de consultor de tecnologia e escritor *freelancer* com viagens pelos Estados Unidos. Após 18 meses e 10 mil milhas percorridas, Roberts havia se

¹ Bacharel em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense e doutoranda na mesma instituição. Integrante do NEMACS – Núcleo de Estudos em Comunicação de Massa e Consumo.

tornado um “*high-tech nomad*”, como ele mesmo se descreve em seu livro *Computing Across America* (ROBERTS, 1988). O estilo de vida construído pelo engenheiro sintetiza uma série de amplas transformações ocorridas ao longo dos últimos 35 anos, entre elas a popularização do computador pessoal portátil e a massificação das tecnologias de comunicação móvel que, combinadas às amplas transformações no sistema econômico mundial e massificação das viagens, possibilitaram o surgimento de uma onda de trabalhadores “*location independent*” ou “nômades digitais” como muitos se autodenominam.

O meio de transporte mudou – em vez de bicicletas *high-tech* os autoentitulados “nômades digitais” dos dias de hoje são adeptos dos programas de milhagem de companhias aéreas e só precisam buscar uma boa conexão *Wi-Fi*. Já o *laptop* continua sendo fiel companheiro, combinado ao *smartphone* e outros equipamentos portáteis. Assim, tais trabalhadores “*location independent*” buscam um estilo de vida que concilia trabalho e viagens – e as Tecnologias de Informação e Comunicação, notadamente a telefonia móvel, conexões GSM e wireless, são vistas por eles como o grande facilitador para que tal ideal seja posto em prática. Muitos “nômades digitais” também exercem a mesma profissão de Roberts, sendo a maioria da área de Tecnologia da Informação, acompanhados de profissionais de marketing, design, vendas, escritores, tradutores. Em sua maioria, são empreendedores digitais, trabalhadores autônomos e freelancers², sempre exercendo suas atividades *on the road*, ou seja, enquanto se deslocam mundo afora.

O fenômeno toma forma principalmente através dos sites de redes sociais, nos quais esse grupo se organiza e divulga seu estilo de vida. Imagens mostrando *laptops* contrastando com paisagens paradisíacas ou cafés charmosos acompanham relatos de suas viagens, mas também de dias de trabalho em coworkings³ ao redor do mundo. Não só os avanços tecnológicos parecem ser os protagonistas deste fenômeno,

² Dados obtidos a partir do Digital Nomad Survey (disponível em: <<http://digitalnomadsurvey.com>>) e do Digital Nomad Census (disponível em: <<http://digitalnomadhelp.com/infographic/#>>) além de observação em grupos no Facebook.

³ Coworking é um modelo de trabalho que se baseia no compartilhamento de espaço e recursos de escritório, reunindo pessoas que trabalham não necessariamente para a mesma empresa ou na mesma área de atuação, podendo inclusive reunir entre os seus usuários os profissionais liberais, empreendedores e usuários independentes.

mas o caminho para essa “revolução” (como os próprios “nômades digitais” descrevem esse movimento) vem sendo pavimentado por uma série de transformações econômicas e sociais a partir da década de 1990. Tal cenário, composto por encurtamento das distâncias proporcionado pelos avanços na comunicação, mas também no transporte transnacional, intensificação da circulação de capital, bens e pessoas, entre outros, se mostrou ideal para o surgimento do fenômeno.

A emergência das TICs é vista também, sob muitos aspectos, como um fator de renegociação das relações entre tempo e espaço, causando mudanças de comportamentos, rituais e padrões de comunicação. Como vemos na obra de Castells (2000), as Tecnologias de Informação e Comunicação se espalharam pelo globo em menos de duas décadas e contribuíram para uma interconectividade global. Dessa forma, elas também contribuem para um capitalismo cada vez mais desterritorializado, como apontam Lash e Urry (1994), e se inserem em um contexto de interdependências políticas e sócio-econômicas em escala mundial. Tal cenário faz com que, nos dias de hoje, seja possível trabalhar a qualquer hora e de qualquer lugar, o que dá sinais de que está modificando as formas e normas do trabalho, expandindo horizontes de espaço e de tempo.

Nesse sentido, o estudo considera que “nômades digitais” são um exemplo extremo de tais transformações, notadamente das extensivas e intrincadas conexões entre a viagem física e as formas de comunicação, ou seja, formas de viagem “virtual” e “imaginativa” que emergem das Tecnologias de Informação e Comunicação (SHELLER & URRY, 2006), além de uma resposta às exigências do capitalismo flexível (SENNETT, 2009) e desterritorializado (LASH & URRY, 1994). Por isso, o fenômeno gera interesse particular para o campo da comunicação, não só pelo uso que os “nômades digitais” fazem das TICs, mas também por suas implicações nas esferas do trabalho, do consumo e da mobilidade. Neste artigo, procuro aproximar os campos dos estudos de mobilidade e de comunicação a fim de gerar maior entendimento sobre fenômenos como esse.

Nômades digitais: entre a mobilidade física e a virtual

“Em Sofia, Bulgária, você consegue Wi-fi em um banco de praça. Você pode ir a um parque com seu *laptop* e trabalhar de lá.”⁴ Foi assim que Sara, canadense de 33 anos, começou a me contar sobre seu estilo de vida. Nos encontramos em Sevilha, Espanha. Sara havia acabado de chegar da Turquia e seu próximo destino era Lisboa, depois as Ilhas Canárias e depois... bem, depois Sara não tinha certeza. Ela contou também que trabalhava como redatora publicitária, e que um dia percebeu que, com um *laptop* e internet Wi-fi, poderia fazer esse trabalho de qualquer lugar. Foi então que ela decidiu viajar o mundo levando seu trabalho consigo. “O mundo é enorme, e a ideia de que você pode trabalhar de qualquer lugar é incrível”.

A rotina de Sara, seus hábitos e coisas que valoriza, são um exemplo dos elementos que constituem o estilo de vida nômade digital. A facilidade do trabalho remoto possibilitada pelos avanços tecnológicos proporcionou uma maior flexibilidade, em especial em áreas da indústria criativa e da tecnologia da informação. Para sustentar seu estilo de vida que visa conciliar trabalho e lazer, os nômades digitais fazem uso intensivo de espaços de *coworking* além de cafês com acesso à internet, aeroportos, hotéis, entre outros.

Nota-se a dificuldade em se obter dados estatísticos e demográficos acerca dos nômades digitais devido ao seu caráter disperso. Contudo, algumas tentativas de pesquisa quantitativa foram identificadas como o Digital Nomad Survey e o Digital Nomad Census.⁵ Aliando esses dados às observações nos sites de redes sociais, é possível afirmar, por exemplo, que os nômades digitais estão igualmente distribuídos em gênero, possuem em média entre 25 e 35 anos e são majoritariamente de origem europeia e estadunidense, embora a tendência cresça entre nacionalidades do mundo

⁴ Entrevista concedida em novembro de 2017 em Sevilha, Espanha.

⁵ disponível em: <<http://digitalnomadsurvey.com>> e <<http://digitalnomadhelp.com/infographic/#>>

todo. No Brasil, o interesse surgiu a partir de 2014⁶ e os pioneiros foram Emerson Viegas e Jaqueline Barbosa do site Nômades Digitais que se dedicam a publicar artigos e vídeos sobre o estilo de vida nômade digital, além de oferecer um curso para aqueles que desejam seguir o mesmo caminho.⁷

Os sites de redes sociais são também a principal forma como os nômades digitais se organizam, sendo os grupos no Facebook a principal ferramenta. Há, ainda, um conjunto de ferramentas utilizadas por nômades digitais como o Hashtag Nomads, serviço de chat geolocalizado que permite conversar com outros nômades em cada cidade, além de fóruns de discussão dedicados ao assunto em sites de redes sociais diversos como o Reddit, além do Nomad Forum, do mesmo criador do Hashtag Nomads.

Um desafio que se coloca, de saída, é definir o que seria o nomadismo digital. O termo em inglês, “*digital nomad*”, parece ter se popularizado a partir de 2004, mas seu primeiro uso conhecido foi no livro *Digital Nomad*, de 1997, escrito por Tsugio Makimoto e David Manners, que afirmava que “as possibilidades tecnológicas atuais e futuras, combinadas ao nosso desejo natural de viajar, irão permitir, mais uma vez, que a humanidade viva, trabalhe e exista em movimento.”⁸ Existem, ainda, outras denominações utilizadas, hora como sinônimo, hora como forma de diferenciação entre nômades digitais. É o caso do termo “*location independent*”, que significa “independente de localização” e se refere a alguém que não precisa estar em um local fixo para desenvolver suas atividades, mas que não necessariamente é um “nômade” – isto é, possui residência onde passa a maior parte do tempo, podendo, assim, se deslocar quando desejar.

No dia a dia dos nômades digitais, amplamente apresentado por eles mesmos através de fotos, vídeos e textos publicados em sites de redes sociais, é possível notar a

⁶ De acordo com dados da ferramenta Google Trends, as pesquisas pelo termo “nômades digitais” foram de zero a 63 pontos percentuais em março de 2014, atingindo seu auge em setembro de 2015. As buscas se concentraram nos estados do sul e sudeste.

⁷ Disponível em: <<http://curso.nomadesdigitais.com/>>

⁸ “Digital Nomad tells us how current and future technological possibilities, combined with our natural urge to travel, will once again allow mankind to live, work, and exist on the move. This is what just some of the world’s major company leaders and thinkers are saying about Digital Nomad.”

construção discursiva e simbólica de um estilo de vida em movimento como algo invariavelmente positivo: *laptops* contrastando com cenários paradisíacos, cafés charmosos e aeroportos ao redor do mundo são uma imagem constante, além da profusão de textos que misturam um tom motivacional com marketing digital sobre a necessidade de buscar uma vida “livre da rotina em um cubículo de 9h às 5h” e descrevendo como isso seria possível através do nomadismo digital.

Apesar de o fenômeno trazer ares de novidade, grupos de trabalhadores móveis ou deslocalizados não são algo tão incomum ou uma exclusividade da década atual. Executivos *jet setters* povoam as salas VIP dos aeroportos e as classes executivas dos voos comerciais já há algum tempo, mas há também um sem número de estudantes, pesquisadores, artistas, atletas, e diversos outros indivíduos para quem o deslocamento é algo necessário ou desejável para se desenvolver e adquirir status em seus respectivos campos de atuação. Sem esquecer, é claro, a enormidade de trabalhadores migrantes ao redor do mundo, para quem mover-se é, muitas vezes, uma questão de sobrevivência.

Não por acaso, surgiu na última década uma nova onda de estudos preocupados com questões ligadas ao movimento, na esteira do que John Urry e Mimi Sheller (2006) denominaram Paradigma das Novas Mobilidades. O Paradigma das Novas Mobilidades estabelecido por Sheller e Urry (2006) dá conta de um tipo de mobilidade que emerge nos anos 1990 a partir do uso generalizado das Tecnologias de Informação e Comunicação, bem como do reforço das interdependências políticas e sócio-econômicas em escala mundial. Tudo isso estaria ligado à experiência contínua da mobilidade, que, por sua vez, marca as identidades e os estilos de vida na contemporaneidade. Para esses autores, o ponto crucial é a mudança de uma modernidade vista como pesada e sólida para uma outra modernidade, leve e líquida, na qual a velocidade de movimento de pessoas, dinheiro, imagens e informação é soberana. Tais estudos passaram a entender a mobilidade como “uma complexa combinação de movimento, imaginários e experiências” (SALAZAR, 2016), ou ainda, como um conjunto de práticas sociais com sentido que expressam e produzem cultura, relações sociais e de poder (CRESSWELL, 2010).

Hoje é amplamente aceito no âmbito desses estudos que a nossa sociedade tem sedimentado, ao longo dos séculos, a ideia do movimento como algo invariavelmente

positivo, seja na forma de mobilidades turísticas, mobilidade acadêmica, de força de trabalho considerada qualificada, etc. Nesse sentido, o imaginário em torno da figura do viajante evolui a passos largos: o *flanêur*, o peregrino, o nômade, o mochileiro, o *jet setter* são apenas alguns desses personagens (SALAZAR, 2014).

Por isso, parte-se, aqui, da observação de que o mover-se ganha contornos *sui generis* nos tempos recentes. Podemos dizer que a nossa sociedade, ocidental contemporânea, se caracteriza por um movimento generalizado de capital, pessoas, bens, imagens e mensagens, potencializado ainda pela vertiginosa evolução dos meios de transporte e de comunicação. Contudo, o ponto central do estilo de vida nômade digital é a escolha por uma mobilidade contínua. Não por acaso, a opção pelo termo “nômade” é, sob muitos aspectos, exemplar, já que se encontram entre o morar (visto que tendem a permanecer mais tempo nos destinos do que o turista comum) e o estar de passagem. Tal mobilidade contínua é alimentada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação e adaptada às exigências do capitalismo informacional e globalizado, resultando na promessa de viver, trabalhar e existir em movimento (e que se prega como sendo de livre acesso a todos).

Nota-se que, hoje, as novas tecnologias desempenham um papel central nessa relação, já que agora é possível estar aqui e em outros lugares através das mídias, o que James Clifford (1997) chama de “habitação em viagem” ou “viajar em casa”. A mudança de tom trazida pela comunicação digital, na forma como se faz presente hoje em diversos aspectos da vida dos sujeitos, propicia um movimento subjetivo, para além do movimento físico, que possibilita uma “mobilidade ampliada” (LEMOS, 2009, p. 28), ou seja, que ultrapassa os limites da mobilidade física.

Cada vez mais estudos têm se voltado para a experiência da mobilidade mediada pelas tecnologias de comunicação. Para André Lemos, a mobilidade se apresenta em três dimensões fundamentais: “o pensamento, a desterritorialização por excelência para Deleuze e Guattari (1980), a física (corpos, objetos, *commodities*) e a informacional virtual (informação).” (LEMOS, 2009, p. 28) Sob o ponto de vista desse autor, a mobilidade informacional se alimenta da mobilidade física e aponta que o advento da computação ubíqua (ou seja, portátil, móvel e inserida na vida cotidiana) possibilita uma “mobilidade ampliada” que potencializa as dimensões física e informacional.

Perspectivas que tratam do campo da comunicação não apenas como circulação de signos e mensagens, mas também de pessoas e *commodities* (um campo muito mais associado aos estudos de transporte e à geografia) são úteis para o estudo que se deseja empreender. Em uma perspectiva informada por autores como Canclini (2003), esta pesquisa parte da ideia de que a circulação digital é transterritorial. Para o autor a globalização não se trata só de uma expansão territorial e sim temporal. É uma questão de simultaneidade mas também da constituição de outras temporalidades. Por outro lado, como apontado por David Morley (2011), é necessário ir contra a pressuposição de que a emergência da virtualidade significa o fim da materialidade geográfica (a ideia do mundo sem fronteiras, por exemplo), e perceber o papel das “tecnologias da distância” na construção (e regulação) de variadas formas de mobilidades e imobilidades físicas.

Assim, podemos considerar que a ênfase no movimento seria uma das consequências da nova lógica de redes, fluxos e conexões vivida nos dias atuais. Em um mundo marcado pela lógica global, a habilidade de se mover por esse mundo com desenvoltura (física, intelectual e simbolicamente) e, no limite, estar em toda parte ao mesmo tempo se tornam requisitos fundamentais para o trabalhador, o consumidor e o cidadão do terceiro milênio. Tudo isso estaria ligado à experiência contínua da mobilidade (CRESSWELL, 2010), que, por sua vez, marca parte significativa das identidades e os estilos de vida na contemporaneidade.

Podemos notar, ainda, uma profusão crescente de discursos e imagens que celebram o estar em movimento como forma de vida e de consumo. Nesse cenário, como aponta John Urry, “estar em movimento se tornou um estilo de vida para muitos” (URRY, 2002, p. 256) e a mobilidade está no cerne de grande parte do que se experimenta e se entende como “liberdade” – daí o apelo dos estilos de vida móveis em geral e do estilo de vida nômade digital em particular. Como podemos perceber em conteúdos disponíveis online acerca do nomadismo digital, esse estilo de vida parece sintetizar tais transformações:

Que tal trabalhar de um café em Paris? Ou de uma praia na Tailândia?
Ou quem sabe, de um restaurante em Tóquio? Se você acha que essa

realidade é utópica demais, saiba que estamos na crista da onda de um movimento global formado por pessoas que conseguiram realizar o sonho de trabalhar viajando.

(...)

Com a evolução da era digital e das tecnologias móveis, cada dia mais pessoas começam a perceber que os limites geográficos não são mais precisos. Se você pode trabalhar de casa, usando a tecnologia, você pode trabalhar de qualquer lugar do mundo.

(...)

Quem tem noção do tamanho e da beleza do mundo, não se contenta em ficar em um lugar só. Os Nômades Digitais seguem o mesmo raciocínio dos nômades que eram nossos ancestrais – ficam, por enquanto que aquele lugar lhes fizer feliz e suprir suas necessidades. Sempre é possível ficar mais, e jamais é proibido partir, afinal viajar não foi feito para criar amarras – e sim, para criar asas.

(Trechos do Manifesto Nômade Digital do site brasileiro nomadesdigitais.com)

Finalmente, um aspecto fundamental que o fenômeno suscita é a forma como o movimento dos indivíduos através de territórios e fronteiras físicas e virtuais dão a ver regimes de mobilidade e transformam o movimento em um valor. Em outras palavras, para que uns sejam considerados “livres” outros devem ser considerados menos livres ou não livres da mesma maneira, o que resulta em uma “hierarquia global do movimento” (SALAZAR & COATES, 2014). Mais uma vez, ressaltamos a importância das TICs nesse contexto, já que, como afirmam Sheller e Urry (2006), “existem lugares e tecnologias que potencializam a mobilidade de uns enquanto outros lugares e tecnologias aumentam a imobilidade de outros” (SHELLER & URRY, 2006, p. 207).

Por isso os “nômades” contemporâneos só poderiam ser “digitais”, já que vivemos em um contexto de capitalismo informacional – e, não por acaso, a grande maioria dos autointitulados nômades digitais vêm das áreas de Tecnologia da Informação.⁹ Assim, se existe uma correlação entre a potência de mobilidade informacional-virtual e a mobilidade física (como afirma Lemos, 2009), aqueles que se

⁹ Dados obtidos a partir do Digital Nomad Survey (disponível em: <<http://digitalnomadsurvey.com>>) e do Digital Nomad Census (disponível em: <<http://digitalnomadhelp.com/infographic/#>>) além de observação em grupos no Facebook.

movimentam mais facilmente pelo ciberespaço são também os que têm maior autonomia para o deslocamento físico e vice-versa.

CONCLUSÕES

“Nômade digital” parece evocar, hoje, um tipo de sujeito que se move principalmente através das mídias digitais. Por isso, embora muitos daqueles que se consideram nômades digitais rejeitem o termo, preferindo “location independent”, é fato que as tecnologias digitais de comunicação formam parte importante do que constitui o fenômeno. Por outro lado, há a crescente expansão das viagens e mobilidades turísticas – segundo dados divulgados em janeiro de 2018 pela Organização Mundial do Turismo, o número de turistas internacionais cresceu 7% em 2017, atingindo um total de 1,322 bilhões. Dados da mesma instituição mostram o crescimento vertiginoso do setor desde a década de 1950, quando contava com 25 milhões, atingindo a marca de 1 bilhão em 2012. Os deslocamentos por avião respondem hoje por 55% dessas viagens, seguido de 39% por via rodoviária. Há, ainda, a questão das mobilidade que não se encaixam na categoria de turismo, como as viagens a trabalho, as migrações, etc. Isso nos mostra que, apesar da expansão de formas de mobilidade através das mídias e de formas de comunicação que virtualmente anulariam as distâncias e, conseqüentemente, diminuiriam a necessidade de deslocamento físico, nunca se viajou tanto. Além disso, esse cenário contribui para um mundo em que a mobilidade se torna um valor e ser “location independent” (ou seja, estar ou senti-se livre de uma localização fixa) se transforma em status.

Considero, ainda, que devida a essa grande transformação cultural, criadora de um mundo em constante mudança, fluido, hoje é cada vez mais comum nos movermos no espaço físico e também no midiático e digital. Para Castells, ainda é cedo para prever os impactos disso: “Mover-se fisicamente enquanto se mantém a conexão em rede com tudo o que fazemos é um novo campo da aventura humana, sobre a qual sabemos pouco” (2004: 87). Por essa razão, embora o “nomadismo digital”, do modo que está sendo abordado neste artigo, seja um fenômeno observado de forma mais acentuada no mundo ocidental – tendo se iniciado em países de forte tradição capitalista, como Estados Unidos – e que tem espaço junto a grupos das classes média e alta, em geral,

letrados, com formação universitária, podemos observar seus desdobramentos em contextos mais amplos que o ultrapassam.

“Nômades digitais” se encontram justo na interseção entre viagens físicas e virtuais, movendo-se entre esses dois mundos com aparente fluidez. Analisar suas práticas e produção de sentido em torno desse movimento certamente nos ajuda a lançar luz sobre as consequências de tais transformações em âmbito global.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. University of Minnesota Press, 1996.

AUGÉ, Marc. *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BÜSCHER, Monika; URRY, John. *Mobile methods and the empirical*. *European Journal of Social Theory*, v. 12, n. 1, p. 99-116, 2009.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

CAMPBELL, Colin. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rocco, 2001.

CAMPBELL, Colin. *Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno*. *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: FGV, p. 47-64, 2006.

CLIFFORD, James. *Routes: Travel and translation in the late twentieth century*. Harvard University Press, 1997.

COHEN, Scott A.; DUNCAN, Tara; THULEMARK, Maria. *Lifestyle mobilities: The crossroads of travel, leisure and migration*. *Mobilities*, v. 10, n. 1, p. 155-172, 2015.

CRESSWELL Tim. *Towards a politics of mobility*. *Environment and planning D: society and space*, 28, 1: 17-31, 2010

ENGBRIGTSEN, Ada Ingrid. *Key figure of mobility: the nomad*. *Social Anthropology*, v. 25, n. 1, p. 42-54, 2017.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade; tradução Tomáz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KAPLAN, Caren. Questions of travel: Postmodern discourses of displacement. Duke University Press, 1996.

LASH e URRY, J. Economies of Signs and Space. Londres; Sage. 1994.

LEMOS, André. Cultura da mobilidade. Revista Famecos, v. 16, n. 40, p. 28-35, 2009.

MAFFESOLI, Michel. Sobre o nomadismo. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

MAKIMOTO, Tsugio; MANNERS, David. Digital nomad. Wiley, 1997.

O'REGAN, Michael et al. Hypermobility in backpacker lifestyles: The emergence of the internet café. Tourism and mobilities: Local-global connections, p. 109-132, 2008.

ROBERTS, Steven K. Computing Across America. Pennsylvania: Learned Information, 1988.

SALAZAR, Noel B.; COATES, James. Key figures of mobility. 2014.

SALAZAR, Noel B.; JAYARAM, Kiran (Ed.). Keywords of mobility: Critical engagements. Berghahn Books, 2016.

SENNETT, Richard. A corrosão do caráter: o desaparecimento das virtudes com o novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SHELLER, Mimi; URRY, John. The new mobilities paradigm. Environment and planning A, v. 38, n. 2, p. 207-226, 2006.

SIMMEL, Georg. O indivíduo e a liberdade. Simmel e a modernidade. Brasília: Editora UNB, p. 109-117, 1998.

URRY, John. Mobilities. London: Polity. 2007.